

Guerra de Secessão (1861- 1865) e a crise no modo de produção

Civil War (1861-1865) and the crisis in the mode of production

Ingrid Daniely Vale dos Santos^a 

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A Guerra Civil dos Estados Unidos. Seleção dos textos Murillo van der Laan, tradução Luiz Felipe Osório, Murillo van der Laan. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2022.

A Guerra Civil dos Estados Unidos (1861–1865) foi um conflito armado entre os estados do Norte, conhecidos como União, e os estados do Sul, chamados de confederados ou secessionistas. Embora tenha suas origens em disputas políticas, econômicas e sociais, a escravidão foi o principal fator de tensão. A análise de Karl Marx e Friedrich Engels destaca que o conflito seria resolvido em favor do Norte, especialmente com a implementação de medidas federais voltadas à abolição da escravidão. Apesar de a guerra não ter sido iniciada com esse objetivo, os autores ressaltam que a manutenção do sistema escravista era fundamental para os interesses dos estados confederados. Enquanto o Sul buscava a secessão, o Norte lutava pela preservação da unidade nacional. O conflito teve início oficial em 12 de abril de 1861, quando forças confederadas atacaram o Forte Sumter, sob controle da União (Marx; Engels, 2022).

A Guerra Civil dos Estados Unidos é estruturado em três seções principais e conta com prefácio de Marcelo Badaró Mattos, nota editorial, índice onomástico e cronologia de Marx e Engels. A primeira seção reúne uma coletânea de 53 artigos. A segunda apresenta 73 cartas trocadas entre Marx, Engels e outros interlocutores. Por fim, a terceira seção inclui quatro documentos: (1) Carta de Marx ao presidente Abraham Lincoln; (2) Resposta do embaixador Charles Francis Adams; (3)

^a Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). e-mail: ingridvalesh1@gmail.com

* Os textos foram escolhidos por Murillo van der Laan após examinar as principais coletâneas internacionais dos autores sobre o tema. Esta edição de *A Guerra Civil dos Estados Unidos* apresenta artigos dos anos 1861 e 1862, é a mais abrangente compilação em língua portuguesa sobre o conflito norte-americano. Apesar da maioria dos artigos desta coletânea serem escritos por Marx, ele utilizava de dados que recebia de Engels, sobretudo nas suas visitas a Manchester e através das trocas de correspondências. A Marx coube a reflexão global sobre a guerra e a Engels, dado sua erudição militar, coube considerar mais especificamente as táticas de guerra.

Mensagem da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) ao presidente Andrew Johnson; e (4) a ata da reunião de 11 de maio de 1869 do Conselho Geral da AIT.

Os escritos apresentados no livro pertencem à fase de maturidade de Marx, período crucial para o desenvolvimento de seu pensamento, marcado pela elaboração de *O Capital*. Esse conteúdo foi produzido paralelamente ao advento e aos desdobramentos da Guerra Civil Americana. Nota-se uma ampliação e maior complexidade no conjunto de conceitos utilizados pelos autores, que, após uma análise aprofundada das origens e do crescimento do capitalismo europeu, buscavam compreender o desenvolvimento do capitalismo global sob uma perspectiva multilinear.

Marx escreveu artigos sobre o conflito para dois veículos de imprensa distintos: o *New York Daily Tribune*, dos EUA, e o *Die Presse*, de Viena, Áustria. O primeiro era dirigido por Charles A. Dana (1819–1897), que conheceu Marx em Colônia durante as revoluções de 1848, enquanto atuava como correspondente de imprensa na Europa. Após retornar aos EUA, Dana assumiu a direção do *New York Daily Tribune* e convidou Marx para colaborar com o jornal, onde ele desempenhou o papel de jornalista científico. Marx foi um dos primeiros a adotar uma posição firme em apoio à causa do Norte, destacando que a escravidão era o principal fator que motivava o conflito (Bianchi, 2014; Marx; Engels, 2022).

O primeiro bloco analisa a repercussão política da Guerra Civil na imprensa, seus impactos sobre a opinião pública e sua influência na formulação de políticas externas. Marx e Engels demonstraram profundo engajamento com o tema, afinal, “seremos afetados pelas notícias que recebemos”.¹ O principal objetivo dos autores era criticar as distorções propagadas pela imprensa dominante sobre o conflito. O interesse jornalístico no tema era impulsionado pelas implicações econômicas e políticas que a guerra representava para o Reino Unido. Um exemplo disso é a ênfase dada pela imprensa britânica à tarifa Morrill, que tinha como objetivo proteger o mercado dos estados do Norte em detrimento dos estados do Sul, sendo apontada como uma das causas do conflito. Caso o cisma se comprovasse de caráter tarifário, isto é, em defesa de um mercado livre ou protecionista, em vez de uma guerra escravocrata, mais fácil se tornava ao Império Britânico apoiar os estados da Confederação (Antunes, 2017; Marx; Engels, 2022).

1 Ver carta 52: Friedrich Engels a Rudolf Engels.

Para Marx, “o argumento básico dos jornais² anti nortistas é muito pobre e em todos eles encontramos quase as mesmas sentenças, repetindo-se como fórmulas de uma série matemática, a certos intervalos, com pouquíssima capacidade de variação ou combinação” (2022, p. 23). O algodão produzido no Sul dos EUA era uma importante *commodity* para a indústria têxtil britânica, e a Confederação uma grande produtora de algodão. A imprensa britânica enfatizava a importância de manter laços comerciais com o Sul, evidenciando as implicações internacionais da Guerra Civil, sobretudo no que diz respeito às relações político-econômicas³ entre os EUA e a Europa. A escassez de algodão afetou severamente as indústrias têxteis, gerando uma crise econômica com possíveis desdobramentos políticos. Além disso, outros setores industriais sentiram os efeitos da redução das exportações para o Norte, devido à tarifa Morrill, e para o Sul, em razão do bloqueio (Marx; Engels, 2022, p. 152).

No âmbito da formulação da política externa,⁴ a guerra apresentou múltiplas dimensões, como a intervenção no México, a crise algodoeira na Inglaterra, o comportamento do império francês e o comércio italiano. Contudo, o incidente mais destacado na obra é a Questão do Trent, em 1861, que quase resultou em uma guerra entre Inglaterra e EUA. O navio britânico Trent foi interceptado pela Marinha da União, que prendeu dois diplomatas confederados a bordo, ação considerada pela Inglaterra como uma violação de sua soberania. A crise foi resolvida de forma diplomática e pacífica, mas elevou as tensões entre os dois países.

O cerne da Guerra reside no embate entre os modos de produção⁵ nos EUA: o sistema escravista do Sul e o capitalismo industrial emergente no Norte. Marx enfatizou que esses sistemas eram incompatíveis, e o conflito só poderia ser resolvido com o triunfo de um sobre o outro (Marx; Engels, 2022, p. 69). Para ele, a luta refletia uma contradição histórica entre os interesses dos proprietários de escravos e dos capitalistas industriais, evidenciando a centralidade da escravidão no conflito. Marx também refutou os argumentos que desvinculavam a guerra da escravidão, destacando que a vitória da União representaria um passo decisivo para superar o sistema escravista e transformar a sociedade americana. Essa luta de classes e conflito de interesses entre os proprietários de escravos e os capitalistas industriais teve repercussões significativas na mentalidade da época.

2 Tais como: *The Times*; *The Economist*; *The Examiner*; *The Saturday Review*.

3 Os artigos que discutem as relações político-econômicas são: 2, 5, 8, 10, 12, 15, 22, 24, 29, 30, 31, 33, 36, 41, 45, 46, 49, 51 e 52.

4 Os artigos que discutem a política externa são: 9, 11, 13, 14, 16, 17, 21, 25, 26, 27, 32, 34, 35, 38, 42, 43, 44, 46 e 53.

5 Os artigos que discutem o modo de produção são: 7, 18, 19, 29, 30, 37, 40, 47 e 48.

Marx (2022) refutou de maneira contundente os argumentos reiterados pelos jornalistas, que persistiam em sustentar que a guerra não tinha relação alguma com a escravidão. Essa posição inicial de Marx evidenciou sua compreensão acurada das causas fundamentais do conflito e seu compromisso em destacar a centralidade do tema escravista no contexto da Guerra Civil. Para o autor, a vitória da União significaria um passo em direção à superação do sistema escravista e à transformação revolucionária da sociedade americana.

“Assim como a guerra de independência do século XVIII fez soar o alarme para a classe média europeia, a guerra civil americana do século XIX fez soar o alarme da classe trabalhadora europeia.” (Marx, 2013, p.79). Por essa razão, as relações sociais, não estão alicerçadas apenas na lógica economicista, e sim relacionadas ao que Marx e Engels entendiam como a (re)produção da própria vida humana, através de uma interação dialética com as ideias e teorias dos indivíduos. Nessa perspectiva, a Guerra Civil representa um conflito fundamental entre duas formas de produção que estão intrinsecamente ligadas ao conceito de reificação⁶ de Marx.

O trabalho escravo, caracterizado pela coisificação do produtor, transforma o escravo em propriedade da classe exploradora, privando-o de liberdade, autonomia e dignidade. Em contraste, o trabalho assalariado, embora formalmente livre, força o trabalhador a vender sua força de trabalho para sobreviver, sendo explorado nos meios de produção pertencentes à classe dominante (Antunes, 2017). Marx observou que a guerra promovida pela Confederação sulista não era defensiva, mas um esforço expansionista para perpetuar a escravidão, consolidando um sistema de produção baseado na propriedade de pessoas, que as reduzia a mercadorias controladas por escravocratas (Marx; Engels, 2022, p. 64).

A escravidão nos EUA atingiu seu auge econômico com a produção de algodão, sustentada por uma relação interdependente com o capitalismo, especialmente o mercado inglês. Segundo Marx, o sistema escravista adaptou-se às demandas do mercado capitalista, tornando a produção de algodão sua forma mais lucrativa e sustentável. Os escravocratas alinhavam-se às dinâmicas do capitalismo ao priorizarem a expansão territorial e o aumento da mão de obra escrava, em detrimento de investimentos em tecnologia ou formação dos trabalhadores. Essa lógica reflete a essência do capital, que utiliza os meios de produção para maximizar a acumulação

⁶ A categoria *Verdinglichung* é um conceito associado ao trabalho de Georg Lukács, filósofo marxista do século XX e sua releitura do fetichismo (Marx), da racionalização formal (Weber) e da tragédia da cultura (Simmel). Essa categoria é frequentemente traduzida como reificação; coisificação ou objetificação. É utilizada no texto em substituição do conceito de alienação, a fim de abordar o processo pelo qual as relações e a vida social são objetificadas e desumanizadas nas sociedades modernas, especialmente no contexto do capitalismo.

de riqueza, mesmo perpetuando relações de exploração e subordinação. Afinal, “os negros não são tão estúpidos a ponto de morrer pelo chicote que os açoita” (Marx; Engels, 2022, p. 322).

A segunda seção reúne 73 cartas⁷ trocadas entre Marx, Engels e outros interlocutores, nas quais emergem elementos significativos do jornalismo científico de Marx. Nesse contexto, o autor recebia apenas duas libras por artigo, enquanto o *New York Daily Tribune* comprometia-se a publicar dois textos por semana (Bianchi, 2014). Contudo, o início da guerra civil norte-americana interrompeu essas encomendas, resultando em uma redução significativa das publicações. Em carta de 6 de maio de 1861, Marx observou que o interesse dos leitores estava concentrado nos acontecimentos da Guerra Civil, o que prejudicava a demanda por seus artigos. Ele mencionou, no entanto, ter recebido uma proposta do *Presse* vienense, que consideraria caso algumas ambiguidades fossem resolvidas, e estava disposto a adaptar-se às circunstâncias adversas (Marx; Engels, 2022).

A colaboração de Marx com o *Die Presse* foi entre 1861 e 1862, período em que ele recebia uma libra por artigo e dez shillings por relato. Embora o jornal promovesse seus textos, os pagamentos eram irregulares em comparação ao jornal americano, agravando sua situação financeira. Em carta a Engels, Marx expressou sua insatisfação com a irregularidade nas publicações e nos pagamentos, uma vez que a remuneração limitada e esporádica tornava inviável sua subsistência (Marx; Engels, 2022).

Nenhum dos jornais nos quais Marx colaborava possuía orientação socialista ou voltada à classe trabalhadora. Assim, ele e Engels adotaram uma postura estratégica na elaboração de seus textos e na escolha dos temas abordados. No *New York Daily Tribune*, as contribuições focaram em análises da política europeia, com ênfase na política inglesa. Já no *Die Presse*, prevaleceram análises políticas e militares relacionadas à Guerra Civil Americana. Engels, por sua vez, contribuiu com alguns artigos sobre temas militares, cujos pagamentos eram repassados integralmente a Marx (Bianchi, 2014; Marx; Engels, 2022).

Em 1862, Marx e Engels começaram a divergir quanto às perspectivas sobre a Guerra. Desde o início do conflito, Marx demonstrou otimismo quanto ao desfecho, embora reconhecesse a vantagem inicial do Sul. Ele avaliava que a sociedade sulista, sustentada por uma ampla base de aventureiros brancos pobres, poderia mobilizar

7 Diferente dos artigos, as cartas acompanham o advento, o desenrolar e o pós-conflito. Há textos de 1860 a 1869 e apresentam características mais íntimas dos autores, como o descontentamento de Marx e Engels com o governo de Johnson, após o assassinato de Lincoln (Ver cartas 59, 63 e 64).

uma força militar significativa nos primeiros meses. Contudo, para Marx, a longo prazo, o Norte prevaleceria devido à possibilidade de recorrer à emancipação dos escravizados como estratégia decisiva. Essa visão foi expressa em correspondência a seu tio Lion Phillips, em maio de 1861 (Marx; Engels, 2022).

A Guerra Civil encerrou-se oficialmente em 9 de maio de 1865, com a vitória dos estados do Norte. Entre as diversas causas do conflito, a escravidão destacou-se como fator central. O principal marco do período pós-guerra foi a abolição da escravatura, proclamada antes mesmo do término do conflito. Com a derrota do Sul, o capitalismo superou as limitações impostas pelo sistema escravista, abrindo caminho para novos mercados, mão de obra e territórios destinados à expansão industrial, o que resultou no crescimento do proletariado. A vitória da União consolidou a revolução burguesa nos EUA, criou condições para a intensificação das contradições entre trabalho e capital e apontou para novas possibilidades revolucionárias (Antunes, 2017).

Na última seção, são apresentados quatro documentos. O primeiro trata de uma carta de felicitações ao presidente Abraham Lincoln, por ocasião da sua reeleição por ampla maioria. A redação da carta foi confiada ao subcomitê da AIT. O texto foi escrito por Marx e aprovado por unanimidade pelo Conselho Central. Foi remetido então para o presidente Lincoln por intermédio de Adams, embaixador americano em Londres. O segundo documento corresponde à resposta do embaixador, que declara: “nações não existem apenas para si mesmas, mas para promover o bem-estar e a felicidade da humanidade. É nesse sentido que os EUA avaliam sua causa no atual conflito contra a escravidão.” Em seguida, apresenta-se uma mensagem da AIT ao presidente Johnson, na qual Marx compara a Guerra Civil às guerras europeias de 100, 30 e 23 anos, argumentando que o conflito estadunidense teve uma duração breve, de apenas 90 dias.

Por fim, a ata da reunião de 11 de maio de 1869 do Conselho Geral da AIT inclui uma mensagem enviada ao *National Labor Union* dos EUA, redigida por Marx. Nesta, o autor retoma a mensagem de congratulações a Lincoln e destaca que a Guerra Civil Americana seria de grande relevância para o avanço da classe trabalhadora, assim como a Guerra de Independência Americana foi fundamental para o progresso da classe média. Além disso, Marx aborda a perspectiva de um possível conflito entre Inglaterra e EUA, reafirma a importância histórica da luta dos trabalhadores no contexto global.

“Os trabalhadores do Norte finalmente compreenderam que o trabalho de pele branca não pode se emancipar onde o trabalho de pele negra é marcado a ferro” (Marx; Engels, 2022, p. 340). Os quatro aspectos analisados nesta resenha, com

base nas reflexões de Marx e Engels sobre a Guerra Civil Americana, representam uma contribuição significativa, embora não sistematicamente organizada pelos autores. Eles abordam a natureza histórica e transitória dos modos de produção, evidenciam as condições de vida humana e as limitações impostas pelas condições do capitalismo, que, ao longo do tempo, podem ser superadas, por novas formas de organização e (re)produção social. Sob essa perspectiva, a produção das condições de vida humanas é historicamente situada e necessária à existência.

REFERÊNCIAS

- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Guerra Civil dos Estados Unidos*. Seleção dos textos Murillo van der Laan, tradução Luiz Felipe Osório, Murillo van der Laan. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2022.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*, Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.
- ANTUNES, Paulo Fernando Rocha. *Marx, Engels e Lênin: as guerras civis Americana, Francesa e Russa*. *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras, v. 23, n. 2, pp. 39-69, ano XII, nov./2017. <http://verinotio.org/conteudo/0.7424261884227639.pdf> (acesso em 25/05/2023).
- BIANCHI, Alvaro. *Marx, Engels e a guerra civil nos Estados Unidos*. *Revista Outubro*, São Paulo, n. 22, p. 201- 225, 2º semestre de 2014. <http://outubrorevista.com.br/lincoln-marx-e-a-guerra-civil-nos-estados-unidos/> (acesso em 25/05/2023).